



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES/CH – CAMPUS III – GUARABIRA/PB
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

WAMBERTO DA LUZ SILVA

**FUNDAÇÃO, ASCENSÃO E FALÊNCIA DA USINA TANQUES S/A EM ALAGOA
GRANDE/PB: AS VISÕES DO CIDADÃO ALAGOAGRANDENSE**

Guarabira/PB

2021

WAMBERTO DA LUZ SILVA

**FUNDAÇÃO, ASCENSÃO E FALÊNCIA DA USINA TANQUES S/A EM ALAGOA
GRANDE/PB: AS VISÕES DO CIDADÃO ALAGOAGRANDENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC – Monografia) apresentado no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, como requisito para conclusão da graduação em Geografia, na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, orientado pela professora Dra. Luciene Vieira de Arruda.

LINHA DE PESQUISA: Transformações
Econômicas nos Espaços Urbanos e Rurais

Guarabira/PB

2021

WAMBERTO DA LUZ SILVA

**FUNDAÇÃO, ASCENSÃO E FALÊNCIA DA USINA TANQUES S/A EM ALAGOA
GRANDE/PB: AS VISÕES DO CIDADÃO ALAGOAGRANDENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC - Monografia) apresentado no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, como requisito para conclusão da graduação em Geografia, na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, orientado pela professora Dra. Luciene Vieira de Arruda.

Aprovado em: 08 / 10 / 2021.

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Luciene Vieira de Arruda (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profº. Dr. Belarmino Mariano Neto (Examinador interno)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profº. Dr. Ivanildo Costa da Silva (Examinador interno)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Guarabira/PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586f Silva, Wamberto da Luz.
Fundação, ascensão e falência da usina tanques S/A em Alagoa Grande/PB [manuscrito] : as visões do cidadão alagoagrândense / Wamberto da Luz Silva. - 2021.
43 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.
"Orientação : Profa. Dra. Luciene Vieira de Arruda. , Coordenação do Curso de Geografia - CH."

1. Usina tanques S/A. 2. Produção canavieira. 3. Assentamento rural. I. Título

21. ed. CDD 333.3

A Deus, pois, sem ele, jamais teria chegado até aqui; a minha mãe pelo exemplo e simplicidade, a meu pai pela força e ensinamentos e ao professor Carlos Antônio Belarmino Alves (In memoriam) **DEDICO.**

“Cada usina era uma ilha dentro do município. Tinha suas regras, seus domínios, seus festejos do padroeiro e, por consequência, adquiria hábitos e tradições próprias. A usina era o centro em torno do qual girava o trabalho, a família, o progresso, o futuro”.

(Pereira Pinto)

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente pelo dom da vida e por me dar forças para chegar até aqui, pois sem ele nada teria conseguido.

À minha mãe, Maria de Lourdes da Luz Silva, pelo exemplo de força e perseverança.

Ao meu pai, João Marinho da Silva, pelo exemplo de homem que foi, sou grato por todos os ensinamentos dados por ele, os quais ajudaram a ser quem eu sou hoje.

À minha companheira e mãe de meu filho, Silvaneide, por estar ao meu lado, incentivando e apoiando em todos os momentos.

À colega Vera Lúcia, por insistir que eu não desistisse de acreditar no meu sonho de cursar uma faculdade.

À minha, sempre incentivadora, Luzimery Afonso, por acreditar em mim.

À minha orientadora, Dr^a Luciene Vieira de Arruda, pelas orientações e paciência que teve comigo, além da banca de avaliação deste trabalho, os nobres professores doutores Belarmino Mariano Neto e Ivanildo Costa da Silva.

A todos os professores e professoras da UEPB do curso de Geografia, aqueles os quais adquiri conhecimentos por meio de palestras, minicursos e extensão e todos aqueles professores e professoras que passaram ao longo da minha vida educacional.

Aos meus irmãos e irmãs que, diretamente e indiretamente, me deram força e me incentivaram nessa caminhada acadêmica e na vida.

Aos meus amigos e amigas da turma de Geografia, em especial, os amigos Alexandre, Gleciano e Alison, pelo companheirismo e parceria ao longo do curso.

A todos os meus amigos e amigas que sempre me deram força e acreditaram no meu potencial.

Enfim, sou grato a todos e todas que contribuíram, apoiaram e incentivaram, de forma direta e indiretamente, para que eu chegasse até aqui.

MUITO OBRIGADO!

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

ABRA – Associação Brasileira para a Reforma Agrária

CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares

CPT – Comissão Pastoral da Terra

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ITA – Instituto Tecnológico da Aeronáutica

MST – Movimento Sem Terra

OAB – Organização dos Advogados do Brasil

PA – Projeto de Assentamento

PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Localização geográfica do município de Alagoa Grande/PB.....	18
Figura 2.	Aspectos do relevo das imediações da antiga Usina Tanques S/A, Alagoa Grande/PB	19
Figura 3.	Sede da antiga Usina Tanques S/A, Alagoa Grande/PB, no ano de 1970 ...	22
Figura 4.	Aspecto das ruínas da Usina Tanques S/A, em Alagoa Grande/PB	25
Figura 5.	Aspectos da residência do proprietário da Usina Tanques S/A, em Alagoa Grande/PB.....	25
Figuras 6 e 7.	Aspectos das residências no Assentamento Nova Margarida, em forma de vila, Alagoa Grande/PB	27
Figura 8.	Associação de Moradores do Assentamento Nova Margarida, em Alagoa Grande/PB.....	28
Figura 9 e 10.	Agricultura de subsistência dos assentados Nova Margarida, em Alagoa Grande/PB.....	30
Figura 11 e 12.	Produção e colheita da cana de açúcar no Assentamento Nova Margarida, em Alagoa Grande/PB	30

043 – Geografia

SILVA, Wamberto da Luz. **Fundação, ascensão e falência da Usina Tanques S/A em Alagoa Grande/PB: as visões do cidadão alagoagrândense.** (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Departamento de Geografia, UEPB, orientado pela Dra. Luciene Vieira de Arruda), Guarabira/PB, 2021, 45p.

BANCA EXAMINADORA: Orientadora: Prof^a. Dra. Luciene Vieira de Arruda (UEPB)

Examinador: Prof^o. Dr. Belarmino Mariano Neto (UEPB)

Examinador: Prof^o. Dr. Ivanildo Costa da Silva (UEPB)

RESUMO

A economia do Brasil viveu vários ciclos ao longo de sua história e muitos produtos, considerados pioneiros da economia do país, deixaram relevantes mudanças e transformações sociais e econômicas. Para tanto, o presente trabalho tem como objeto de estudo a antiga Usina Tanques S/A, localizada no município de Alagoa Grande/PB, a partir de um recorte sobre a fundação, ascensão e falência da Usina Tanques S/A em Alagoa Grande/ PB e as diversas visões do cidadão alagoagrândense. Efetuou-se uma revisão bibliográfica procurando seguir o caráter qualitativo da pesquisa, fazendo-se uma reflexão em torno da Usina Tanques S/A, sua função social e econômica até a sua área territorial ser transformada no Projeto de Assentamento (PA) Nova Margarida. Assim, realizamos entrevistas com algumas pessoas que, de modo direto ou indireto, vivenciaram o momento de funcionamento desta usina. Ao realizar um histórico da cultura da cana de açúcar em nível nacional, estadual e municipal, ficou evidenciado que a expansão da cana de açúcar foi marcante na economia local, período em que a referida empresa funcionava. Pudemos verificar, que, aos olhos de alguns cidadãos alagoagrândenses, a Usina Tanques S/A proporcionou para o município, um período próspero trazendo-lhes uma saudosa nostalgia. Por outro lado, foi possível vislumbrar que parte considerável dos trabalhadores que foram prejudicados com a falência desta usina, puderam, por meios legais, tomar posse das terras da referida empresa, com a criação do Assentamento Nova Margarida, o que possibilitou novos meios para a sobrevivência e dignidade daqueles que ali vivem.

Palavras-Chave: Usina Tanques S/A; Produção Canavieira; Assentamento Rural.

FOUNDATION, RISE AND BANKRUPTCY OF TANQUES S/A FACTORY OF ALAGOA GRANDE/PB: PERSPECTIVES OF LOCAL CITIZEN

ABSTRACT

Brazil's economy has gone through several cycles in history and many products considered pioneers in country's economy have left significant social, economic changes and transformations. Therefore, this work has as object of study the old Tanques S/A factory, located in Alagoa Grande/PB city, aiming to understand from an excerpt on the foundation its rise, bankruptcy and perspectives of local citizen. Bibliographical review was carried out in order to give qualitative character to research, making a reflection about Tanques S/A factory, its social and economic function until its territorial area was transformed into Nova Margarida Settlement Project (SP). Thus, interviews were conducted with some people who, directly or indirectly, experienced the moment of its operation. After some research about national, state and municipal sugarcane culture history it was evident that expansion of sugarcane was a major factor in Alagoa Grande/PB economy, a period in which Usinas S/A operated. We were able to verify that in the eyes of some local citizens Tanques S/A provided prosperity, bringing them nostalgia. On the other hand, it was possible to see that a considerable part of workers who were harmed by the factory bankruptcy were able by legal means to take possession of its land, turning it into Nova Margarida Settlement, which allowed new means for the survival and dignity of those who live there.

Palavras-Chave: Tanques S/A Factory; Sugarcane Production; Rural Settlement.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEORICO	9
2.1 A realidade econômica brasileira no período do ciclo da cana de açúcar até o surgimento do PROÁLCOOL.....	9
2.2 A região Nordeste açucareira: dos senhores de engenho aos usineiros	11
2.3 O processo de falência das usinas canavieiras, a desapropriação e a inserção dos projetos de assentamentos da reforma agrária no Brasil	13
3 MATERIAIS E MÉTODOS	17
3.1 Procedimentos metodológicos.....	17
3.2 Caracterização e localização geográfica do município de Alagoa Grande/PB.....	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	21
4.1 A fundação da Usina Tanques S/A e sua importância para o município de Alagoa Grande/PB e brejo paraibano.....	21
4.2 O Processo de falência da Usina Tanques S/A e suas consequências econômicas e sociais.....	23
4.3 O Assentamento Rural Nova Margarida, Alagoa Grande/PB	26
4.4 As visões do cidadão alagoagrandense sobre a Usina Tanques S/A.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Surgidas em meados do século XIX e início do século XX, as usinas contribuíram economicamente, de forma significativa, em todo o país. Ponte (2011) revela que (...) ‘’ A difusão das usinas geriu transformações nas relações de trabalho’’ (...). Conforme a autora (...) ‘’ seu surgimento se deu em virtude do respaldo do poder público, não constituindo, portanto, um resultado espontâneo do dinamismo do setor açucareiro, mas uma das várias formas por ela encontrada para garantir sua sobrevivência’’ (MOREIRA e TARGINO, 1997 apud PONTE, 2011, p. 30).

A partir desse contexto histórico, o presente trabalho visa identificar e entender como se deu o processo de fundação, ascensão e falência de uma das grandes empresas que existiu no município de Alagoa Grande/PB, a Usina Tanques S/A. A pesquisa foi desenvolvida com a finalidade de compreender o período em que a citada usina foi fundada, atuava e veio à falência.

A ideia desse trabalho é fazer um recorte histórico sobre a fundação, o início de funcionamento até a falência desta empresa, seguida da transformação do seu espaço em projeto de assentamento de reforma agrária, para compreender como se deu a mudança no contexto histórico e socioeconômico do município de Alagoa Grande/PB, na vida dos moradores e trabalhadores da Usina Tanques S/A e seus fornecedores.

A escolha deste tema surgiu através do entendimento do quanto a Usina Tanques S/A foi importante para o município. Para tanto realizamos uma entrevista com ex-funcionários, fornecedores e moradores locais em toda a extensão da antiga usina, atualmente conhecida pelo Projeto de Assentamento (PA) Novo Margarida.

Acreditamos que, com esse estudo, ficará mais fácil compreender como se deram as mudanças sociais e também econômicas durante esse tipo de fenômeno e contribuir para traçar políticas públicas que possam auxiliar as pessoas que moram em municípios que passaram pelo mesmo dinamismo social.

Entendemos que há uma relevância em trabalhar esse tema, visto que, através dele, resgatamos lembranças de como era a economia no Brasil, em especial, na região Nordeste brasileira, no período em que a cana-de-açúcar era o produto econômico dominante. Para tanto, o nosso foco principal é compreender como foi esse período de fundação, ascensão e falência da Usina Tanques S/A e como esse fato impactou na economia do município de Alagoa Grande/PB, onde a referida empresa tinha grande participação econômica.

Além das situações mencionadas anteriormente, surgiram alguns questionamentos os quais tentaremos descobrir no decorrer de nossa pesquisa, a partir dos conhecimentos adquiridos sobre a Usina Tanques S/A e o que representou para Alagoa Grande/PB: Nesse contexto, será que a Usina Tanques S/A trouxe visibilidade para Alagoa Grande/PB? Enquanto funcionava a referida empresa foi um símbolo de prosperidade regional? Seria possível pressupor que a conduta dos herdeiros da referida empresa contribuiu para a sua falência? Se ainda estivesse funcionando, a empresa estaria garantindo mais geração de empregos e renda para os alagoagrandenses?

Partindo dos questionamentos supracitados, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar e entender como se deu a fundação, a ascensão e a falência de uma das maiores indústrias que atuava no ramo do cultivo e beneficiamento dos derivados de cana-de-açúcar no município de Alagoa Grande/PB.

Já os objetivos específicos permeiam-se em: realizar um levantamento histórico do surgimento das usinas em nível estadual e municipal; elaborar um histórico de fundação da Usina Tanques S/A e sua importância para o município de Alagoa Grande/PB e brejo paraibano; entender como se deu o processo de falência da Usina Tanques S/A e quais consequências ocorreram após esse ato; contextualizar os efeitos de sua falência para o município; identificar quais foram os principais agentes responsáveis pela sua falência e contribuir para revelar maior conhecimento científico sobre o referido tema.

A pesquisa está organizada em quatro capítulos. O capítulo 1 forma esta introdução, que procura contextualizar o tema no contexto histórico, econômico e social brasileiro, expõe os objetivos, justifica a importância desta pesquisa e lança alguns questionamentos iniciais. O capítulo 2 traz uma revisão literária sobre o período da cana-de-açúcar, o surgimento no Brasil, sua decadência e a modificação do espaço geográfico até chegar aos atuais projetos de assentamentos de reforma agrária. No capítulo 3 são descritos os materiais e os caminhos metodológicos para a elaboração desta pesquisa. No capítulo 4 são apresentados os resultados e as discussões, seguidos das considerações finais e das referências utilizadas neste trabalho.

2 REFERENCIAL TEORICO

Neste capítulo procuramos apresentar o ponto de vista dos autores que iremos utilizar como base teórica desta pesquisa. Assim, partimos de uma reflexão sobre a realidade econômica brasileira durante o período do ciclo da cana-de-açúcar até o surgimento do Proálcool; a região Nordeste açucareira: dos senhores de engenho aos usineiros; e, por último, o processo de falência das usinas canavieiras, a desapropriação e a inserção dos projetos de assentamentos da reforma agrária no Brasil.

2.1 A realidade econômica brasileira no período do ciclo da cana-de-açúcar até o surgimento do PROÁLCOOL

Em meados do século XVII, mais precisamente nos anos de 1600, houve o crescimento da plantação da cana-de-açúcar no Brasil, o que gerou a uma série de derivados oriundos dessa prática. A cana-de-açúcar dinamizou a economia e o grande destaque foi na região Nordeste, onde ocorreu uma estruturação do comércio e o desenvolvimento das cidades nordestinas.

No final da década de noventa do século XX, o mundo passava por uma crise petrolífera. Com o aumento do preço do barril de petróleo países importadores foram prejudicados, inclusive o Brasil, visto que dependia muito do petróleo internacional. Em 1973 ocorre a primeira das três crises que envolvem esse ramo da economia mundial. O Brasil sofreu com esse processo porque importava cerca de 80% do petróleo consumido e essa dependência foi determinante para abalar a economia nacional. Sobre as consequências dessa fase na economia do Brasil trazemos o seguinte relato:

Deterioração da balança comercial, intenso processo inflacionário, redução do ritmo de crescimento, desemprego, aumento do déficit em conta corrente agravado pelos juros altos e aumento da dívida externa foram as mais graves consequências do [...] choque do petróleo. [...] (MELO, 2008, p. 16).

Com sucessivas crises petrolíferas afetando a economia do Brasil e pensando em não ter tanta dependência do petróleo internacional, em 1974 através do presidente Ernesto Geisel buscou-se uma solução. O então presidente encomendou, junto ao Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), um projeto para resolver a escassez energética do país. Nessa época foram apresentados alguns projetos, dentre eles o Proálcool.

O Proálcool foi um programa brasileiro de incentivo ao uso de um combustível renovável, tinha como objetivo diminuir a dependência da importação de petróleo. Outros

intuitos desse plano governamental era a expansão da produção do etanol, redução das desigualdades regionais, incentivar a geração de novos empregos e, conseqüentemente, o aumento do faturamento interno, melhorar o aproveitamento das matérias-primas existente no país e seus recursos naturais (MACHADO, 2003). O autor supracitado afirma que, em menos de cinco anos, a produção ultrapassou 11 bilhões de litros de etanol, fazendo com que o programa do álcool brasileiro se tornasse o maior exemplo de energia renovável, em nível mundial.

O Brasil, valendo-se de toda estrutura de usinas e de matéria prima, coisas que até então eram destinadas apenas para produção do açúcar, começou a direcionar essa condição, que era favorável, para incrementar aqui no país o Programa Nacional do Álcool (MORAIS e BACCHI, 2014).

A primeira etapa do Proálcool no Brasil aconteceu entre os anos de 1975-1979. Esse período foi marcado por grandes dificuldades, entre elas, o reflexo da crise econômica mundial, onde faltavam alguns recursos financeiros para dar continuidade ao programa e a tecnologia era precária. Nessa época a ideia do governo não era desenvolver automóveis movidos a álcool, mas sim desenvolver uma mistura de combustível que fosse adicionada gasolina diminuindo a dependência da exportação de petróleo. Ressalta-se aqui que a produção do álcool estava ligada à indústria açucareira.

Nos anos seguintes o Proálcool entra em declínio e tem seu colapso atribuído, muito intimamente, à queda do preço do barril do petróleo e, como se isso não fosse o bastante, a produção nacional também não supria a demanda do mercado interno (MORAIS e BACCHI, 2014). Portanto, a segunda etapa do Proálcool, que vai de 1979 a 1986, coincide com a segunda crise do petróleo, em 1979, fazendo aumentar a crise econômica no país. Nesse contexto, o governo determinou que fosse inserido 20% de álcool na gasolina.

A terceira etapa do Proálcool ocorre nos anos de 1983 a 2003, o preço do petróleo sofreu uma estabilização o que resultou em uma valorização do açúcar o que fez desencadear a desestimulação da produção do etanol. Mundialmente, a década de 80 foi considerada como uma década perdida, onde houve uma crise econômica e o governo retirou alguns subsídios para a produção do etanol.

Segundo Morais e Bacchi (2014), em 2003 o Proálcool tem outro grande impulso, com o lançamento dos carros *flex-fuel*¹ que já trazia uma tecnologia mais avançada para trafegar com esse combustível. Portanto, a partir de 2003, o país passa a viver a atual situação do

¹ Automóveis que usam tanto a gasolina quanto o álcool, separados ou juntos.

álcool. Doravante, já se começa a dar mais ênfase nas questões ambientais, onde o etanol deixa de ser um produto apenas para suprir uma necessidade econômica e vem a ser um combustível visto como algo que não agredia o meio ambiente, devido a ser uma fonte de energia renovável. Entretanto, o etanol ainda é um agente importante para a economia brasileira e sua condição renovável passa a ter uma maior ênfase no desenvolvimento dos automóveis *flex-fuel*.

Todo esse contexto leva o Brasil, a partir de 2017, a ficar conhecido mundialmente como o maior produtor de cana-de-açúcar, ficando apenas atrás dos Estados Unidos da América na produção do etanol (RODRIGUES e ROSS, 2020).

2.2 A região Nordeste açucareira: dos senhores de engenho aos usineiros

O Nordeste brasileiro, apesar de ter um rótulo fictício de ser uma região pobre, segundo Castro (2007), poucas regiões do mundo se prestava e ainda se prestam tão bem a um ensaio da natureza ecológica como esta. O autor evidencia que a vida, o solo, suas águas, suas plantas e o próprio clima foram mudados pela ação desordenada e desequilibrada da própria sociedade. O ser humano, mesmo que inconscientemente, altera o meio em que vive. No entanto, com tantas adversidades climáticas, a pequena agricultura ainda é o principal meio de sustento do pequeno agricultor do campo do Nordeste brasileiro.

De acordo com Cavalcante (2018), o plantio da cana-de-açúcar no Brasil teve seu início por volta do ano de 1530 através das capitânicas hereditárias, quando se tornou uma atividade econômica bastante densa no período colonial. Decorreram-se assim, nessa época, os rumos da economia do país: os portugueses objetivavam introduzir o cultivo da cana para firmar, cada vez mais, a colonização, garantindo assim a presença portuguesa e evitando invasões externas e ameaças estrangeiras.

Os colonizadores tinham grande visão sobre a cana-de-açúcar. Castro (1984, p.115) afirma que, ao descobrir cedo que “as terras do Nordeste se prestavam maravilhosamente ao cultivo da cana-de-açúcar, os colonizadores sacrificavam todas as outras possibilidades ao plantio da cana”. Para Silva (2010, p. 138), “A cana-de-açúcar sempre foi o carro-chefe no tocante à questão econômica e que fez regular a vida social dos municípios da região Nordeste [...]”.

Ainda sobre a economia na região nordestina Gareis (2003) discorre que:

A economia açucareira nordestina conseguiu sobreviver diante da prolongada crise vivida pela economia de exportação. Entre os fatores que contribuíram para dificultar-lhe o fracionamento, registra-se: a reduzida

vulnerabilidade dos engenhos de açúcar, as vantagens derivadas da operação em ampla escala, o apego à terra numa sociedade eminentemente agrária e o poder político emanado da propriedade monocultora (GAREIS, 2003, p.34).

Tem-se assim, o destaque da indústria açucareira, período em que ocorreu o processo de transformação econômica e social do Brasil, mais precisamente no Nordeste, onde surgiram os engenhos. Segundo Ferlini (2003) apud Ponte (2011) “o engenho é constituído pela propriedade açucareira, com terras e lavouras, e foi responsável pelas bases econômicas e sociais da colônia”. Freire (2002, p. 60) aponta que “nos engenhos que tinham a cana-de-açúcar como principal cultura, havia fartura [...]”.

A história do Brasil dos primeiros séculos confunde-se com a história do açúcar. Foi no engenho que se formou a sociedade patriarcal açucareira, da qual uma das sínteses pode ser representada pelo binário casa-grande e capela. Entre os séculos XVI e XIX, conjuntos de engenhos foram instalados ao longo de quase todo o litoral brasileiro, com maior concentração nas áreas que correspondem hoje aos estados de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo (AZEVEDO, 2009, p. 9).

Desse modo, os engenhos de cana-de-açúcar vão se destacar no Nordeste brasileiro, passando a ser a principal atividade econômica da época (GOMES, 2015, p. 13). Silva (2010) pontua que os senhores de engenho tinham grande importância política, econômica e social, eram considerados verdadeiros patriarcas, combinando um misto de autoritarismo com um assistencialismo paternalista. O poder econômico os colocava como donos de seus trabalhadores e, por vezes, usavam de violência, tanto física quanto moral, sobre esses trabalhadores.

Diferentemente dos senhores de engenhos, os usineiros segundo Silva (2010, p.147).

[...] detinham um modo de vida completamente diferente dos senhores de engenho. Geralmente viviam nos centros urbanos das grandes metrópoles, comparecendo de maneira esporádica ao local de sua produção e tendo a casa grande apenas como local de veraneio, contando assim com os administradores e capatazes que por sua vez ficavam responsáveis pelas leis e pela ordem dos engenhos pertencentes à usina [...]. (SILVA, 2010, p.147)

Segundo Gantos e Quésia (2006) o usineiro representava e representa uma figura social de grande prestígio, considerado o sucessor dos senhores de engenho. A figura do usineiro começou a se configurar no final do século XIX, quando estava ocorrendo uma transição dos engenhos para as usinas, momento este marcado também pela abolição dos escravos. A grande diferença do usineiro para o senhor de engenho é que o usineiro, com seus valores patriarcais agrários, é considerado um “modelo” de empresário capitalista, tem em cena seus trabalhadores livres e assalariados, não é mais proprietário de escravos, mas sim

patrão. No entanto, similar aos senhores de engenho, continuam dominando grandes extensões de terras, com suas indústrias de açúcar e álcool.

Para Gareis (2003), a formação dos usineiros se dá a partir de grupos da antiga aristocracia, ou seja, formado por uma classe ou grupo que detém poder e privilégios, que participavam do comércio de açúcar. Uma aristocracia conservadora que vivia de benefícios e proteção do governo, grupo autoritário que possuía um poderio amplo dentro de suas numerosas terras. Entretanto, segundo a autora: “Os usineiros não conseguiram eliminar tão rapidamente os competidores – os senhores de engenho”.

A partir desta contextualização percebe-se que o usineiro tinha em suas mãos grandes poderes, não apenas tinham grandes propriedades, mas forneciam empregos e alavancavam a economia do comércio local e estadual.

2.3 O processo de falência das usinas canavieiras, a desapropriação e a inserção dos projetos de assentamentos da reforma agrária no Brasil

O não pagamento das dívidas é um dos fatores que levou e levam empresas e propriedades à falência, foi assim no passado e é assim até os dias atuais. Através da falência ocorre o processo de desapropriação de terras/propriedades no país.

A desapropriação se dá através da perda da propriedade para o poder público, onde este tem por finalidade atender aos interesses sociais. Como bem assegura Pitsica (2016), a desapropriação, em seu sentido restrito, significa despojar alguém/dono de uma propriedade e transferir seu bem para o poder público, de modo que o interesse seja exclusivamente direcionado para a sociedade, seja de forma direta ou indireta.

Conforme explicado acima, o envolvimento do poder público é imprescindível na luta por direitos sociais e é nesse contexto que reafirmamos a importância da Reforma Agrária. No entanto ainda há embates desafiadores e a luta pela Reforma Agrária e como ocorre à desapropriação ainda é bastante discutida na atualidade. Segundo Lima (2011, p.11) “a Reforma Agrária não cessa, mais se amplia”.

Partindo dessas informações e com base nas leituras, compreendemos que a falência das usinas canavieiras brasileiras se deu através das altas dívidas, da má gestão por parte dos proprietários, da falta de dinheiro para manter a produtividade e também pela grande crise açucareira internacional. Já a desapropriação dessas propriedades ocorria após grandes lutas

por parte dos trabalhadores que não recebiam suas indenizações, as altas dívidas não pagas e a improdutividade dessas terras.

Sousa (2010) apud Lima (2011), afirma que, nos anos de 1990, o recuo dos investimentos públicos, juntamente com as mudanças econômicas desencadeadas em nível mundial e os elevados volumes de dívidas, foi decisivo para a decadência das usinas canavieiras nordestinas e de grandes grupos empresariais. Algumas unidades entraram em crise e fecharam bruscamente, a exemplo das usinas de Santa Rita, Santa Helena e Santana na Paraíba; Aliança e Catende, em Pernambuco; Ouricuri, Agrisa, Peixe e Porto Alegre, em Alagoas.

Segundo Silva (2010) a divisão de terras no Brasil surgiu ainda no período colonial, quando a coroa Portuguesa, por meio do Sistema das Sesmarias, doava terras às famílias interessadas em produzir nas mesmas. Tais famílias passaram por algumas dificuldades, no que diz respeito aos custos de investimentos, que eram grandes e isso resultou na devolução dos lotes de terras recebidos, conhecido hoje como terras devolutas.

Discussões sobre a luta pela terra vêm se arrastando durante décadas e as políticas públicas, em conjunto com a classe trabalhadora rural e seguimentos sociais buscam, constantemente, por uma verdadeira Reforma Agrária. Silva (2010) aponta que a Constituição de 1988 em seu art.184 prevê que toda terra que não apresentar sua função social deve ser desapropriada para fins da Reforma Agrária. Não é exagero afirmar que a desigualdade existente em nosso país se dá pela má distribuição de terras, com afirma Gomes (2015).

A má distribuição de terras no Brasil está ligada ao plano de ocupação baseado na lei de Sesmarias, onde a coroa Portuguesa ao chegar no Brasil cria as Capitâneas Hereditárias, que era a doação de grandes lotes de terras a nobres portugueses que possuíam determinado prestígio junto à coroa, como consequência a estas doações de terras brasileiras ficavam nas mãos da pequena elite dominante (GOMES. 2015, p.11).

Ainda conforme o autor, no Brasil Império a terra era um bem privado, daqueles que tinham dinheiro para comprá-la, sendo um período marcado pela reformulação e regularização da propriedade, ocorrendo a cobranças de impostos; no período Republicano houve uma maior mobilização por novas reformas no governo, quando foram criados alguns decretos sobre questão agrária; também neste momento surgem as ligas camponesas, que reforçam a insatisfação dos trabalhadores do campo quanto às condições de trabalho.

Dados de Novaes (1988) apud Gomes (2015 p17) apontam que o processo de Reforma Agrária no Brasil iniciou em meados de 1964, quando o governo militar criou o Estatuto da

Terra, a partir da Lei 4.504, que regulamentou o uso e posse da terra, enfatizando a sua função social e propondo mudanças na estrutura agrária brasileira.

Os autores supracitados atentam para o artigo art.1º, que regulariza os direitos e obrigações que cabem aos imóveis rurais para fins de Reforma Agrária e para a promoção da Política Agrícola, assim como ao § 1º, que se refere à Reforma Agrária como um conjunto de medidas que tem por finalidade promover uma melhor distribuição de terras. Fica claro aqui que o Estatuto da terra visa melhores condições de vida para aqueles que lutam pela terra e dá direito a essas pessoas de ocuparem esses espaços através da Reforma Agrária.

Diante de toda luta pela terra alguns grupos sociais foram importantes nesse processo e fortaleceram o movimento pela reforma agrária e a formação dos primeiros projetos de assentamento: o Movimento dos Sem Terra (MST), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a Organização dos Advogados do Brasil (OAB), a Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG), a Associação Brasileira para a Reforma Agrária (ABRA), dentre outros.

Para Gomes (2015, p. 38) a criação de um assentamento agrário contribui economicamente e melhora a vida dos que nele vivem; representa “para os trabalhadores rurais a esperança de construírem uma vida melhor, assim como é um meio de convivência social”; constituem a inclusão social, bem como garantem terras para que os trabalhadores possam produzir.

No entanto, ainda há muito a ser feito para que os assentados consigam viver dignamente. Lima (2011) afirma “que é necessário que ocorra um entendimento e efetivação de uma reforma agrária estrutural no país, sendo este um caminho indispensável para a superação da miséria no campo”; uma reforma agrária que possa garantir aos assentados e demais grupos que lutam pela terra uma melhor e maior distribuição de terra, educação de boa qualidade e melhores condições econômicas, sociais e de saúde. Segundo Bergamasco (1997) apud Gosch (2020).

É nesse contexto de concentração de terras e de exclusão social; aliado ao período de redemocratização do Brasil, com o fim da ditadura militar, a reorganização dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR) e o surgimento de novos movimentos sociais do campo, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); que se inicia um novo período da luta pela terra no Brasil. Assim, a partir de meados dos anos 1980 registra-se, de forma lenta e irregular, a implementação de assentamentos rurais em todos os estados da federação, tendo como objetivo principal apaziguar situações de conflitos localizados, sem partir de uma política realmente estrutural que resgatasse o potencial produtivo da agricultura familiar (BERGAMASCO, 1997, apud GOSCH, 2020, p.22).

No tocante à região do brejo paraibano, a violência e opressão faziam parte do dia-a-dia dos trabalhadores rurais das antigas usinas. Como afirma Oliveira (1994, p.15) “conflitos sociais no campo, no Brasil não são uma exclusividade de nossos tempos. São isto sim, uma das marcas do desenvolvimento e do processo de ocupação do campo no país”.

No estado da Paraíba, após o fechamento/falência das usinas canavieiras, os antigos trabalhadores e suas famílias, abandonados pelos seus patrões, iniciaram a luta para ficar e produzir o que desejassem nas terras das usinas. Assim, a partir da década de 80, foram implantados os primeiros assentamentos rurais, criados para mitigar tais conflitos.

Somente na Paraíba foram desapropriados 189 mil hectares de terras, permitindo a inserção de 11.050 famílias nos Projetos de Assentamentos PAs espalhados nas diversas regiões do estado (IENO NETO,2005).

Segundo Silva (2020), atualmente no estado da Paraíba existem 307 PAs, desses, 44 foram formados no Brejo Paraibano, sendo estes de responsabilidade do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. A autora ainda complementa afirmando que o Brejo Paraibano se tornou um celeiro de lutas voltadas para a reforma agraria que envolvia agricultores expropriados até os trabalhadores/moradores de usinas falidas, mais especificamente, no domínio das usinas Santa Maria/PB, no Município de Areia/PB, e Tanques S/A, em Alagoa Grande/PB.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O modelo teórico-metodológico adotado nesta pesquisa é de natureza qualitativa, com o uso de pesquisa bibliográfica e modo participante através de entrevistas. Lakatos (2011) define a pesquisa participante como um tipo de pesquisa que não possui um planejamento ou um projeto anterior à prática, sendo que o mesmo só será construído junto aos participantes (objetos de pesquisa). Os participantes auxiliarão na escolha das bases teóricas da pesquisa, de seus objetivos e hipóteses e na elaboração do cronograma de atividades. A partir do objeto de estudo proposto, buscamos compreender os acontecimentos, suas influências e seus significados em uma determinada realidade e época (passado e atual).

3.1 Procedimentos metodológicos

Os passos da pesquisa se deram através do método indutivo que buscou explorar informações bibliográficas, descrever e analisar algumas concepções e fazer um levantamento de como se deu desde a fundação até à falência da Usina Tanques S/A, além de identificar as principais consequências econômicas deste fenômeno para o município de Alagoa Grande/PB. Para tanto, o método adotado assume características históricas, inter-relacionais e objetivas colaborando assim para um conhecimento popular e científico. Sobre o método indutivo Rampazzo (2005, p. 37) descreve que “é uma forma de raciocínio que chega a afirmar uma verdade geral e partir de verdades particulares.”

Tivemos como base uma metodologia de observação, e sobre isso Rampazzo (2005) afirma que o ato de observar é importante e isso requer aplicar sentido ao objeto estudado com a finalidade de adquirir conhecimento claro e exato; sem ela o estudo da realidade se reduz a opinião ou adivinhação; com ela têm-se pesquisas e descobertas. Procurou-se uma abordagem que compreendesse o processo histórico, social e importância da Usina Tanques S/A para o município de Alagoa Grande/PB.

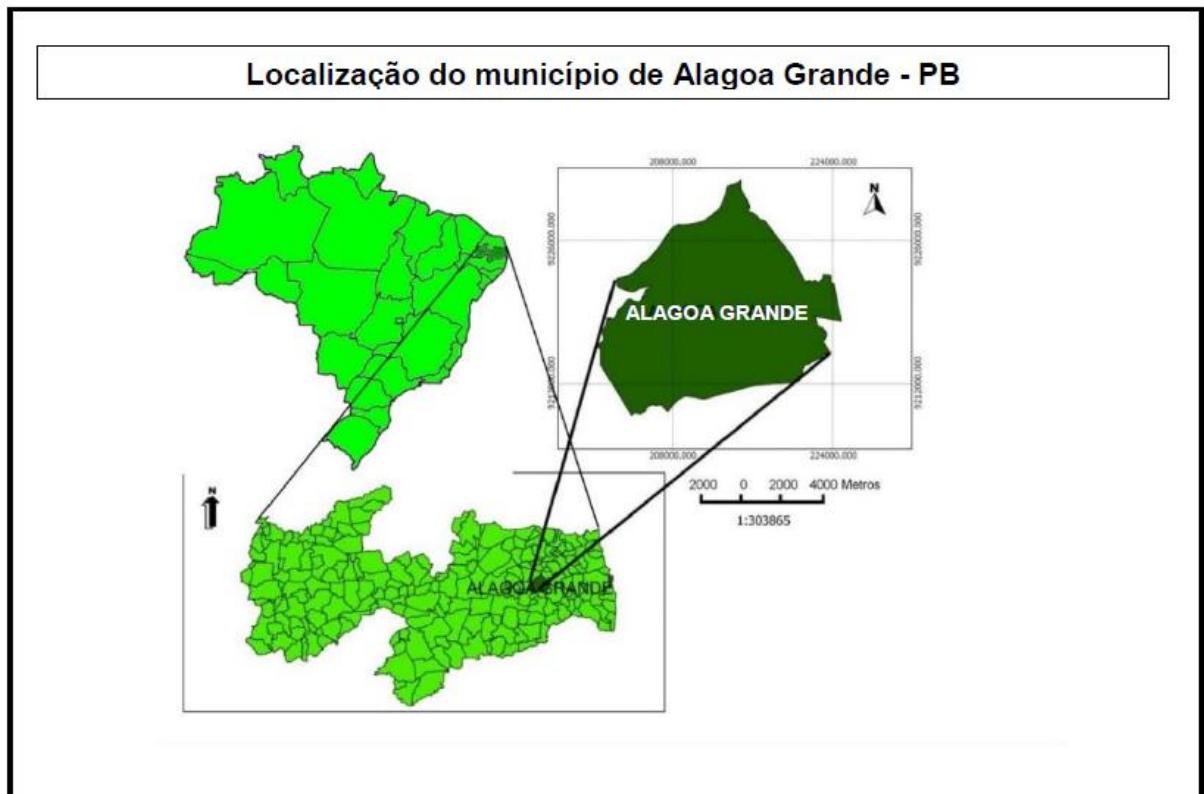
Sobre o tema pesquisa Gerhardte e Silveira (2009) descrevem que é um trabalho que dá possibilidade de investigar e descobrir um fato, no entanto esse ato requer um minucioso estudo para chegar à conclusão da problemática.

Neste contexto, o desenvolvimento da pesquisa se deu através de entrevistas e revisão bibliográfica referente ao tema proposto e foram analisados os dados obtidos, podendo assim inferir alguns resultados quanto ao objeto de estudo e que serão apresentados no terceiro capítulo.

3.2 Caracterização e localização geográfica do município de Alagoa Grande/PB

Alagoa Grande/PB é um município do estado da Paraíba que pertence às regiões geográficas: Intermediária e Imediata de Campina Grande, segundo a atual subdivisão municipal realizada pelo IBGE (2017). No entanto, a antiga subdivisão regional ainda faz este município ser reconhecido com pertencente ao brejo paraibano. As suas coordenadas geográficas são 7°4'56" Latitude Sul e 35° 35' 57" Longitude Oeste, ocupa uma área de 320,56 Km², está a 85,17 km de distância da capital do estado (João Pessoa). Seus limites são os municípios de: Juarez Távora, Areia, Alagoinha, Mulungu, Serra Redonda, Massaranduba, Gurinhém, Matinhas e Alagoa Nova (CPRM, 2005; IBGE, 2017; ALAGOA GRANDE, 2020). Segundo o último censo demográfico, a sua população é de 28.496 habitantes (Figura 1).

Figura 1. Localização geográfica do município de Alagoa Grande/PB.



Fonte: IBGE (2012). Adaptado por Lima (2020)

Segundo a CPRM (2005), o espaço físico do município de Alagoa Grande é formado por uma composição geológica datada entre o Mesoproterozóico e o Arqueano, com falhas ou zonas de cisalhamento e lineamentos estruturais. O relevo é bastante movimentado, com

superfícies moderadamente dissecadas, principalmente nas altitudes entre 300 e 700 metros, por onde se desenvolve o vale do Rio Mamanguape, que é o seu principal recurso hídrico. Os solos são, predominantemente, pobres e rasos, exceto nos fundos de vales estreitos, onde se encontram solos mais profundos e mais férteis.

Estas feições do relevo podem ser observadas na figura 2, que caracteriza o relevo das imediações da antiga Usina Tanques S/A, que apresenta áreas planas e de serrotes, ao fundo. Tal tipo de relevo foi utilizado, pelos administradores da citada usina, como justificativa para a dificuldade no plantio da cana de açúcar, considerado como um dos entraves que impedia a mecanização.

Figura 2. Aspectos do relevo nas imediações da antiga Usina Tanques S/A, Alagoa Grande/PB.



Fonte: Arquivo pessoal. 2021

O conjunto de características naturais descritas sobre o município de Alagoa Grande/PB se complementa pelo clima quente e úmido (As'), onde a pluviometria varia entre 700mm e 900mm anuais, sendo os meses mais chuvosos aqueles entre junho a agosto, já os mais secos vão de novembro a fevereiro. A disponibilidade hídrica e de umidade do ar permite a formação de vegetação composta por florestas caducifólias (nos relevos mais altos), cerrado e caatinga (nas áreas mais planas e baixas).

As características naturais de Alagoa Grande/PB, somadas à sua história e cultura, fazem da sua zona rural uma síntese do que o brejo paraibano pode oferecer em termos de turismo ecológico e rural. Pequenos engenhos, cachaçarias, cachoeiras e espaços oriundos dos antigos quilombos, os chamados quilombolas, proporcionam um verdadeiro passeio na história do município (LUNGUINHO, 2012).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo apresentamos reflexões a partir das investigações em torno da fundação, ascensão e falência da Usina Tanques S/A e suas consequências para o município de Alagoa Grande/PB. Preparamos um pequeno histórico sobre a fundação desta empresa e sua importância para o município de Alagoa Grande/PB e Brejo Paraibano; também explicamos o processo de falência da citada usina e suas consequências econômicas e sociais; apresentamos um pouco da história do Assentamento de Reforma Agrária Nova Margarida, que se formou nas terras da antiga usina e, por fim, reescrevemos e discutimos o ponto de vista de alguns entrevistados sobre a existência desta usina e a sua falência.

4.1 A fundação da Usina Tanques S/A e sua importância para o município de Alagoa Grande/PB e Brejo Paraibano

Desde o início de sua formação, a economia do município de Alagoa Grande/PB sempre esteve baseada na produção da cana-de-açúcar. Tal produção ainda responde por um percentual considerável dentre as áreas plantadas e representa cerca de 1500 hectares, que são destinados a essa monocultura, nos últimos 20 anos (IBGE, 2020 apud Lima, 2020). Atualmente esse cultivo é destinado para os engenhos locais existentes, os quais produzem cachaça, rapadura e mel de furo (mel feito da cana).

Segundo Lima (2020, p. 27) “a cana-de-açúcar permaneceu durante muito tempo como o símbolo de poder econômico, levando, desse modo, a mudanças nos meios de produção, passando pelos engenhos produtores de aguardente até na usina produtora de açúcar”. É nesse contexto que se destaca a Usina Tanques S/A, considerada, por muito tempo, uma das principais fontes de renda do município de Alagoa Grande.

A Usina Tanques S/A foi fundada na década de 1920, por Herectiano Zenaide Nobrega de Albuquerque e Apolônio Zenaide Montenegro e João Holmes Sobrinho. A usina foi construída no município de Alagoa Grande/PB, a cerca de 7 km da área urbana, cercada por serras e canaviais. Na década de 1950, a empresa foi vendida para Agnaldo Veloso Borges, responsável pela implementação estrutural da citada usina (FREIRE, 2002). Entre os anos 1958 e 1966 o proprietário da Usina Tanques S/A comprou algumas máquinas para melhorar a fabricação do açúcar produzido. Tais aquisições surtiram bons resultados, proporcionando a ampliação da estrutura da empresa até a década de 1990 (Figura 3).

Figura 3. Sede da antiga Usina Tanques S/A, Alagoa Grande/PB, no ano de 1970.



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/sescsp/4441488855>

Nas últimas décadas do século XX, a Usina Tanques S/A protagonizou a economia local, sendo uma empresa que gerava centenas de empregos diretos e indiretos e por isso era uma das principais geradoras de renda do município de Alagoa Grande/PB. Portanto, foi um símbolo de prosperidade, sendo o comércio local bastante dependente do seu funcionamento. Segundo Guimarães (2012):

“O populacho e os feirantes dão conta de que com a USINA TANQUE S/A em atividade, a feira livre tinha dois momentos: de 5:00 às 11:00 no sábado e daí numa segunda fase até o lusco-fosco da noite, por conta do pagamento semanal da USINA” [...] (GUIMARÃES, 2012, p.96).

Segundo Freire (1998), a citada usina vendia seu produto para todo o estado e até para outros da federação. Esse crescimento econômico fez com que a usina comprasse várias pequenas terras na região e, com isso, alguns pequenos engenhos ficaram desativados. O autor afirma que toda essa concentração latifundiária trazia outras consequências, entre elas, uma onda de êxodo rural e a derrubada de vários sítios frutíferos para que a terra fosse destinada à plantação da cana-de-açúcar.

Alagoa Grande/PB tinha outras indústrias como, por exemplo, a CONDE (empresa de beneficiamento do agave e do algodão). Segundo Freire (1998) a chegada das fibras sintéticas enfraqueceu a cultura do algodão e do agave, vindo a praticamente quebrar a empresa. Na contramão desse fato, a então Usina Tanques S/A se modernizava e abrangia maior domínio territorial, conquistando novos mercados para o seu produto. Assim, a empresa necessitava de mais terras para o plantio de sua matéria prima.

Assim, Freire (2002) atesta que, no final dos anos 1970, Alagoa Grande/PB contribuía com 9,4% da produção de açúcar da Paraíba e isso lhe rendia o décimo lugar em área cultivada em todo estado. Ainda segundo o autor “a Usina Tanques tinha força política no Estado, prestígio com os militares e poder de reação individual” (FREIRE, 2002, p.295). No entanto seu destino não foi diferente das demais usinas de boa parte do Nordeste brasileiro.

Nesta perspectiva, é notório o quanto a Usina Tanques S/A era importante para a economia local. De acordo com Freire (2002), mesmo sob a direção do novo proprietário, a usina já enfrentava alguns prejuízos. Porém, tudo ficou mais difícil após o seu falecimento, em 1990.

4.2 O Processo de falência da Usina Tanques S/A e suas consequências econômicas e sociais

Em nível nacional a perda de interesse internacional pela cana, a falta de uma industrialização na colheita da cana, que fosse comum para boa parte dos produtores; a falta de incentivos fiscais, pois estes poderiam compensar a perda de lucro; a produção do açúcar advindo de outros produtos, como a beterraba e a produção do açúcar asiático, também podem ser os responsáveis pela decadência das usinas canavieiras brasileiras, em geral.

Corroborando com esses entraves tivemos também um mau planejamento nacional no tocante à produção canavieira, onde se investiu muito em um programa conhecido como Proálcool o qual, ao declinar, levou consigo a falência de grande parte do setor açucareiro.

Assim, algumas indústrias sucroalcooleiras não conseguiram se modernizar, levando a uma diminuição na produção canavieira. Junta-se a isso a irresponsabilidade ou descaso dos usineiros pelos seus trabalhadores, pois alguns empregadores não seguiam as normas trabalhistas deixando o ambiente do cortador de cana análogo à escravidão.

Segundo Silva (2011) depois de um longo período de funcionamento, desde a sua fundação (1926 até 1990) a Usina Tanques S/A entra em declínio e, em 1997, cessou suas atividades, causando muito desemprego e acentuando ainda mais o êxodo rural. Após a morte

do seu proprietário, em 1990, a nova direção, encabeçada pela sua viúva e filhas, buscou novos rumos para a usina. No entanto, não foi possível encontrar solução para os problemas.

No tocante ao município de Alagoa Grande/PB algumas características foram decisivas para o declínio da Usina Tanques S/A. A referida empresa era dona de um terreno que, geograficamente, não a beneficiava sendo esse fator um dos principais pontos que levaram o plantio e a colheita de cana de açúcar a um nível bastante desgastante para o trabalhador, desgaste este não reconhecido pelos donos da usina.

Por outro lado, a mecanização e industrialização, inevitavelmente, se fazia necessária para que houvesse uma competitividade com a produção das usinas circunvizinhas. Então, de um lado, existia o descaso dos proprietários e, junto a isso, o relevo das terras que não ajudavam na melhoria da produção e do outro lado existia a chegada da mecanização nas terras das usinas concorrentes.

Segundo Freire (2002) a falência da Usina Tanques S/A decorreu de erros acumulados durante anos. Porém, a falta de gestão e o fim do Proálcool foram determinantes para a sua falência, somados aos altos juros bancários e ao baixo preço do açúcar. O país estava vivendo uma crise açucareira e, por isso as usinas como a de Santa Maria em Areia, a Santa Helena de Sapé, a de Santa Rita em Santa Rita, assim como a Usina Tanques S/A, em Alagoa Grande, todas estas paraibanas, pararam de funcionar.

A figura 4 mostra as ruínas da Usina Tanques S/A e os vestígios dos antigos pequenos açudes que serviam para resfriar as caldeiras. A água era bombeada para tanques externos que iriam resfriar as máquinas. No centro da figura temos a usina em ruínas e o bueiro; no lado direito, quase não se vê o espaço anteriormente ocupado pelo açude, pois está tomado pelo mato e arbustos aquáticos; já no canto esquerdo ainda se pode ver a silhueta do outro açude.

Figura 4. Aspecto das ruínas da Usina Tanques S/A, em Alagoa Grande/PB.



Fonte: Arquivo pessoal. 2021

A Figura 5 apresenta a casa grande da antiga usina Tanques S/A. Esta era a morada do Sr. Aguinaldo Veloso Borges e sua família, quando estavam em Alagoa Grande, gerenciando o seu império canavieiro. Em destaque está a capela da família.

Figura 5. Aspectos da residência do proprietário da Usina Tanques S/A, em Alagoa Grande/PB.



Fonte: Arquivo pessoal. 2021.

Sobre a moradia do presidente da empresa citada, trazemos o seguinte relato:

‘Ele não morava aqui, ele morava em Joao Pessoa. Ele tinha três residências. Uma era em Pilar, outra em Joao Pessoa e a outra era aqui na usina. Ficava em Pilar segunda e terça, da quarta ao sábado ficava aqui na usina, fazia todo o pagamento e depois viajava para Joao Pessoa. E às vezes só viajava

no domingo. ” (A.F. 68 anos. Ex trabalhador da usina Tanques S/A. Atualmente um dos assentados em Nova Margarida).

4.3 O Assentamento Rural Nova Margarida, Alagoa Grande/PB

Assim como mencionado anteriormente a Usina Tanques S/A teve sua falência decretada na década de 90. Hoje as terras da antiga usina são conhecidas pelo nome de Assentamento Rural Nova Margarida, em homenagem à líder sindical, Margarida Maria Alves brutalmente assassinada por lutar pelos direitos trabalhistas assim como relata Freire (2002):

Foi, sem dúvidas, um dos mais traiçoeiros e violentos crimes contra uma liderança popular (com o agravante de ser feminina) na história desde país. Maria Alves, sempre aguerrida na causa que defendia, por vezes, radical na sua luta [...] foi vítima de um radicalismo muito maior, extremamente oposto ao que se almeja para o progresso social das comunidades brasileiras, especialmente as nordestinas (FREIRE, 2002, p.297).

No tocante às lutas por terra, o município de Alagoa Grande P/B se destaca pela complexa luta pela terra e a expressividade do Sindicato de Trabalhadores Rurais, que contribuiu para a criação de 14 assentamentos, ocupando 4.802,7 hectares, aonde vivem 557 famílias (INCRA, 2018, *apud* LIMA, 2020). Tais assentamentos rurais se formaram no final da década de 1980 e meados de 1990” (LIMA, 2020, p. 28). Assim, dedicamos o próximo item desta pesquisa para apresentar o Assentamento Rural Nova Margarida.

O assentamento Nova Margarida foi criado nas terras da antiga Usina Tanques S/A, sendo este assentamento representativo pela luta e conquista dos trabalhadores que, segundo Lima (2020, p.47) “Essa luta visou a compensação por anos de trabalho e o descaso sofrido pelos trabalhadores/moradores por meio dos herdeiros da agroindústria falida”. Sobre essas lutas Silva (2020) acrescenta que:

Este é o resultado da complexa luta pela terra, articulada à luta sindical e que ganhou grande expressividade com a influência de Margarida Maria Alves, junto ao Sindicato de Trabalhadores Rurais. Assim surgiram os assentamentos rurais, a partir do fim da década de 1980 e meados de 1990, criados pelo INCRA-Superintendência Regional da Paraíba (SILVA, 2020, p.01).

Neste contexto, destacamos o Assentamento Nova Margarida, que teve a sua organização e formalização a partir do INCRA, localizado há cerca de 7 km, ao lado norte do

município de Alagoa Grande/PB, em uma área territorial de 843,6 hectares, cercada por serras e canaviais, aonde residem 79 famílias (INCRA, 2018, *apud* SILVA, 2020).

No assentamento Nova Margarida existem 2 açudes e 3 poços de água, sendo que algumas casas possuem cisternas, o que garante um conforto em relação aos recursos hídricos. Todas as casas possuem energia elétrica e as estradas de acesso estão em boas condições de tráfego (Figuras 6 e 7). Existe também uma escola de ensino fundamental, uma Capela e uma sede da associação dos moradores (LIMA, 2020, p.51-52).

Figura 6. Aspectos das residências no Assentamento Nova Margarida, em forma de vila, Alagoa Grande/PB.



Figura 7. Aspectos das residências no Assentamento Nova Margarida, em forma de vila, Alagoa Grande/PB.



Fonte: Arquivo pessoal. 2021.

A formalização de posse do Assentamento Nova Margarida ocorreu em 2014, em solenidade local, quando o INCRA permitiu a posse do imóvel da antiga Usina Tanques S/A para fins de reforma agrária, o que garantiu aos moradores daquela localidade o direito à terra, produção de alimentos, gerar renda e criar seus filhos com dignidade.

Na ocasião, o representante estadual do INCRA ressaltou a importância da conquista dos assentados e afirmou terem aquelas terras grande potencial para produzir agricultura familiar, como batata doce, banana, mandioca e cana de açúcar, podendo se tornar um polo de produção de alimentos capaz de atender programas como merenda escolar e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) da companhia Nacional de Abastecimento. A Figura 8 apresenta aspectos da fachada da Associação de Moradores do Assentamento Nova Margarida, localizada em meio ao núcleo de casas dos assentados.

Figura 8. Associação de Moradores do Assentamento Nova Margarida, em Alagoa Grande/PB.



Fonte: Arquivo pessoal. 2021

Mediante as lutas trabalhistas, a reforma agrária teve e ainda tem grande importância mantendo-se firme e forte, lutando por terras para quem, de fato, tem direito e precisa produzir o seu próprio alimento, a partir da agricultura de subsistência.

Ao remeter aos fatores mencionados sobre os possíveis responsáveis pela falência da Usina Tanques S/A, concordamos com Lima (2020), ao apontar que muitas ações trabalhistas foram travadas e envolviam muitos donos de engenho, resultando na falência e fechamento destas empresas. Em contrapartida, trouxe benefícios e direitos para seus antigos moradores ou trabalhadores.

Entretanto, não podemos deixar de ver que, mediante a falência destas empresas, a economia local foi afetada. “Assim, a falência da usina representa um enorme prejuízo: uma perda em investimentos produtivos privados e públicos, uma crise econômica para toda a região e o desemprego em massa” (MENEZES *et al*, 2013, p. 338 *apud* LIMA, 2020, p.48).

Sobre a implementação do assentamento Nova Margarida, elaboramos entrevistas com alguns assentados. Gostaríamos de saber se, após a formação do Assentamento Rural nas terras da Usina Tanques S/A, a vida destas pessoas ficou melhor do que quando eram funcionárias desta usina. Obtivemos as seguintes respostas:

Entrevistada 1

“Muito pior, muito pior. Melhor quando era funcionário de uma única empresa porque todo mundo trabalhava, todo mundo tinha seus empregos, todo mundo tinha seus salários, muito melhor. Hoje acabou tudo aqui, acabou. Isso aqui acabou. Meu marido aqui era serralheiro trabalhava de carteira assinada muito bem, foi pra o Rio de Janeiro e acabou-se, lá no Rio morreu. Viu a história que eu tenho pra contar é isso. Então, os dois filhos meu que foi pra o Rio pra trabalhar depois que a usina faliu também morreu, entendeu? Ai então acabou, acabou isso aqui pra gente. A gente ainda esta combatendo aqui porque a gente tem como diz, tem uma possezinhas por ai e tal, ai agente ainda esta

combatendo por aqui, mas não é, mas como era. É isso que eu tenho pra falar.” (J.A.P- 70 anos. Moradora do Assentamento Nova Margarida).

A fala da senhora J.P.A gira em torno de suas perdas, ela afirma que, por conta do fechamento da empresa, seu marido e seus filhos foram trabalhar distante, tiveram que abandonar a família. A entrevistada acredita que, se a usina não tivesse falido, seus entes não precisariam ter ido embora. Apesar de não ser tão atraída pela ideia de assentamento, coisa compreensível após as suas perdas, a entrevistada reconhece que faz uso de suas terras para ajudar na sua subsistência.

Entrevistado 2

“Hoje ficou melhor porque todo mundo hoje é dono bem dizer do que é seu e antigamente quando a gente trabalhava aqui na indústria, no campo, era bom porque tinha serviço pra o povo trabalhar ai foi tempo que a usina faliu e o povo ficou sem serviço e a gente ficamos tudo abandonado e a sorte da gente foi o sindicato que entrou de dentro e tomou as providencias junto com o INCRA. Ficamos por aqui ate hoje eu sei que devagarinho vai dando tudo certo, não sei se daqui pra frente da problema mas, ate hoje esta bom. A vida dos moradores esta melhor, por que o pessoal esta tomando conta do que é seu trabalhando pra si e com fé em Jesus a gente vamos conseguindo a vida, como Deus quer.” (J.B.R. 68 anos. Morador do Assentamento Nova Margarida).

A fala do senhor J.B.R demonstra que tudo ficou melhor. Salienta que, na época do funcionamento da usina, existia trabalho para as pessoas da localidade. No entanto, para ele, quando a empresa entrou em falência, deixou os moradores locais no total abandono e que se não fosse o sindicato, juntamente com o INCRA, as coisas tinham ficado ainda piores. Ele, assim como o entrevistado 3 enfatiza que hoje são donos de suas próprias produções e isto é uma grande vantagem.

Entrevistado 3

“É ficou melhor, por que pra traz a gente não podia trabalhar pra si mesmo só podia trabalhar pra indústria e hoje a gente pode trabalhar pra gente. Hoje somos donos da posse, pode trabalhar onde quiser. Melhorou muito, em muitas partes né? Hoje a gente tem onde morar e antes não tinha, vivíamos sujeito à indústria né?” (M.V.S. 61 anos. Morador do Assentamento Nova Margarida).

O senhor M.V.S é enfático ao dizer que hoje as condições são melhores. Deixa claro que no presente, não existe aquela obrigatoriedade de trabalhar apenas para a usina, como era no passado. Atualmente os assentados plantam banana, milho, fava, batata e ainda cultivam uma parte de cana-de-açúcar nos seus lotes. Sobre essa agricultura de subsistência, temos na figura 9 uma área em que os assentados têm em seus domínios a plantação de banana na parte

baixa e na parte mais alta plantação de milho. Já a figura 10 apresenta ao centro plantação fava e batata.

Figura 9. Agricultura de subsistência dos assentados Nova Margarida, em Alagoa Grande/PB



Fonte: Arquivo pessoal. 2021.

Figura 10. Agricultura de subsistência dos assentados Nova Margarida, em Alagoa Grande/PB



Ainda sobre essa cultura de subsistência dos moradores do Assentamento Rural Nova Margarida, temos nas figuras seguintes a persistência em plantar cana de açúcar, onde estas poucas plantações são destinadas aos engenhos locais. A figura 11 apresenta a cana cortada para ser levadas aos engenhos, já a figura 12 temos os moradores assentados no processo de corte da cana. Ressalta-se aqui na imagem que o transporte de alguns dos cortadores de cana ocorre atualmente, através de motocicletas, em substituição aos animais.

Figura 11. Produção e colheita da cana de açúcar no Assentamento Nova Margarida, em Alagoa Grande/PB



Fonte: Arquivo pessoal. 2021

Figura12. Produção e colheita da cana de açúcar no Assentamento Nova Margarida, em Alagoa Grande/PB



Ao ouvirmos alguns assentados, percebemos que cada um tem uma opinião diferente. Alguns dizem que atualmente a situação de vida está melhor e ratificam essa fala ao dizerem que são donos de suas terras. Outros falam claramente que não ficou bom e põem a culpa na má gestão dos “cabeças” do assentamento rural e essa culpa eles estendem aos órgãos políticos como o sindicato e o INCRA. Compreendemos aqui a falta de discernimento da grande maioria dos assentados quanto ao modo de gestão de um sindicato de moradores e da falta de colaboração para que todos possam produzir e viver melhor em seus lotes.

4.4 As visões do cidadão alago-grandense sobre a Usina Tanques S/A

Para complementar o presente estudo, procuramos ouvir o ponto de vista de algumas pessoas sobre a importância econômica da Usina Tanques S/A para o município de Alagoa Grande/PB. Assim, obtivemos os seguintes relatos:

Entrevistado 1:

“A economia local era muito diferente da de hoje, a usina tinha uma faixa de 3 mil empregos diretos e indiretos. O salário desses trabalhadores ficava aqui dentro do município, os pagamentos eram feitos nas sextas feiras e nos sábados, pela manhã já tinha dinheiro circulando dentro da feira do município. A feira começava pela madrugada e vinha terminar às 05 horas da tarde. O dinheiro circulava aqui dentro, porque ela (feira) trabalhava em cima dessa quantidade de gente. Eu tinha uma equipe de 70 a 80 trabalhadores cortando cana e transportando de caminhão para a usina. Então esse dinheiro circulava todo aqui dentro na econômica do município, era uma renda que favorecia o município. Uns plantando cana, outros cortando, outros que eram proprietários comprando cana. Eu mesmo comprava cana de 32 fornecedores, que eles não tinham trabalhadores então eu cortava as canas pra usina” (M.C. S. 77 anos. Função na antiga Usina – fornecedor, função atual - aposentado).

Entrevistado 2:

“Nessa época eu cheguei a colocar 12.000 toneladas de cana pra usina durante a safra, era 08, 09, 10 toneladas. Sempre era dessa maneira e esse dinheiro circulava aqui dentro, a economia se movimentava com isso. Cada um tinha seu rendimento, cada um vivia do seu trabalho. Hoje tá vivendo de aposentadorias, do bolsa família, quem tem emprego no estado e quem tem do município e nada mais. O comércio lá embaixo, porque só circula esse dinheiro, esse dinheiro hoje você sabe, a situação do aposentado, se ganhasse dois tantos ainda não dava pra se viver. Naquela época a gente ganhava por produção quanto mais se trabalhasse mais se tinha dinheiro” (A.B. 61 anos. Função na antiga Usina – fornecedor. Função atual - produtor rural e aposentado).

Ao analisar a fala dos entrevistados 1 e 2, fica claro que eles viam a feira de Alagoa Grande/PB como o grande diferencial da prosperidade econômica naquela época em que a usina funcionava. Acreditam que a circulação de dinheiro no município era por conta das atividades empregatícia da usina. O entrevistado 1, além de ser fornecedor, também se intitula

empregador pelo fato de dar emprego a vários indivíduos. Compreende que a usina lhe dava condições para poder gerar empregos. Já o entrevistado 2 concorda que o dinheiro gerado pela usina circulava na cidade e acrescenta que o dinheiro em circulação na atualidade vem de vários lugares, ou seja, é uma economia de retalhos e antes essa economia tinha como protagonista a antiga usina.

Entrevistado 3:

“Rapaz na época que a usina funcionava surgiu muito emprego, tanto na época da moagem como para o fornecimento de cana, tinha a limpa da cana. Naquele tempo era muito bom. O comércio de Alagoa Grande caiu uns 50% após o fechamento da Usina. Hoje você vai à feira e de meio dia não tem mais nada. O comércio perdeu e muito, muito mesmo. Porque naquele tempo o comércio era desenvolvido, surgia muito emprego para o cidadão de Alagoa Grande, hoje é só loja e a renda dos aposentados” (R.W.C. 50 anos. Função na antiga usina – caldeireiro. Função atual - funcionário público).

Entrevistado 4:

“Era bem melhor, gerava muitos empregos, todo mundo trabalhava ali, todo mundo recebia seu dinheiro, fazia suas feiras. Hoje não se encontra mais aquelas indústrias para gente fazer aquele trabalho que a gente fazia” (R.B.S. 57 anos. Função na antiga usina – maquinista. Função atual - taxista).

Os entrevistados 3 e 4 trabalhavam na parte interna da indústria e acreditam que as condições econômicas de Alagoa Grande eram melhores do que as atuais. Concordam ainda com seus antecessores na pesquisa, no que diz respeito à fragmentação da economia local. Citam que o dinheiro produzido pelas lojas e pelos aposentados são os principais focos econômicos da atualidade.

Entrevistado 5:

“A economia de Alagoa Grande enquanto a usina funcionava era bem legal, era muito importante. A Usina Tanques era muito importante, pra você ter uma ideia, a nossa feira local tinha dois momentos. A feira tinha o momento antes e depois do pagamento da usina. O pessoal da fábrica recebia logo cedo no sábado, a cidade tinha o momento de feira cheia, mas quando dava umas 10 hs, 11 hs a feira diminuía, mas o pessoal não ia embora porque sabia que ia ter o pagamento do campo, na parte da tarde, então a feira voltava. Depois de meio dia terminava o pagamento do campo, o pagamento do campo demorava mais porque o pessoal trabalhava até o sábado cortando cana que era pra ter estoque pra gente moer no domingo. Circulava dinheiro, eu como gerente vinha no Banco do Brasil pegar muito dinheiro e esse dinheiro ficava em Alagoa Grande, a gente tinha muita gente trabalhando, no campo tínhamos quase mil pessoas”(W.C.M. 60 anos- Função na antiga usina – gerente. Função atual - professor).

Entrevistado 6:

“Naquela época pra mim era boa, não era ruim não. A usina funcionava direto, o patrão ele era boa pessoa. Hoje a gente vive aqui, mas nós não temos ninguém por nós. Hoje, dizem que o INCRA comprou isso aqui, mas o INCRA não comprou, o INCRA tá com isso aqui hipotecado por conta da dívida que o doutor deixou. Então naquela época o dinheiro circulava aqui na região. Naquela época

Alagoa Grande a feira ia até de noite. Não é como agora que de 10 ou 11 horas está parado não. De primeiro só caía dinheiro dentro de Alagoa Grande na feira quando os moradores daqui tudinho recebia o dinheiro e corria pra feira. Antes era melhor, quando a usina funcionava, a gente tinha dinheiro. A mercadoria era barata” (J.P.F. 69 anos. Função na antiga usina - trabalhador do campo da usina. Atualmente é um dos assentados em Nova Margarida).

O entrevistado 5 justifica a existência de dois horários da feira livre do município como exemplo de superioridade econômica. Também relata um pouco de como era gerida a organização do corte da cana. Já o entrevistado 6 lamenta não ter ninguém por eles, sugerindo que o INCRA não dá assistência que ele julga ser necessário. Tem consciente ao falar das dívidas que a empresa deixou e o quanto isso reflete de forma negativa na vida dos assentados.

Entrevistada 7:

“Era muito boa, muito boa, melhor do que agora. Tinha emprego pra todo mundo, todo mundo trabalhava e ganhava seu dinheiro. Agora para o pessoal trabalhar aqui tem que sair pra fora pra ganhar o pão” (M.M. 68 anos. Viúva de trabalhador do campo e moradora da antiga usina. Atualmente, é uma das moradoras do assentamento Nova Margarida).

Entrevistado 8:

“Era bem melhor todo mundo trabalhava aqui na usina, tinha emprego pra todo mundo” (L.O. 48 anos. Trabalhador do campo da usina e morador do assentamento Nova Margarida).

Entrevistada 9:

“Era muito boa, quando funcionava tinha emprego para os trabalhadores, os pais de família trabalhavam aqui, agora vivem trabalhando fora” (L.N. 40 anos. Filha de trabalhador do campo da antiga usina e atual moradora do assentamento Nova Margarida).

Os entrevistados 7, 8 e 9 fazem parte de um grupo de funcionários do campo da antiga usina Tanques e hoje são assentados. Eles lamentam o fechamento da usina, pois viam nela as mínimas condições de sobreviver. Admitem que, as condições de trabalhos eram difíceis, mas ainda nutrem grande apreço pelas atividades provenientes da usina.

Entrevistada 10:

“O comercio era aquecido na época da usina, hoje tem muitas facilidades dos bancos e outros meios, então tem muitas opções, mas acredito que se a Usina fosse ativa hoje era muito bom para nós e para a população. As feiras eram bastante movimentadas, o dinheiro que a usina gerava semanalmente era bem gasto nas feiras. Hoje a geração de empregos na cidade é comércio e antigamente era a usina. Então se hoje a usina tivesse em funcionamento seria ótimo para a geração de empregos e aquecimento da economia. Naquela época tinha muita gente trabalhando, o pessoal que hoje vai trabalhar nas usinas fora era para estar trabalhado aqui se tivesse funcionando” (M.L.N. 51 anos. Função na antiga usina - recepcionista e telefonista. Função atual - dona de loja).

A entrevistada número 10 é um caso particular, pois ela continua fazendo parte do cenário econômico local, sendo esta uma microempresária. Ela corrobora com as falas anteriores sobre a importância econômica da usina para a feira municipal e faz um lamento por alguns munícipes terem que sair para trabalhar em usinas de outras cidades. Ela ressalta que se a usina Tanques não tivesse fechado as portas, esses trabalhadores não precisariam se deslocar para outros municípios para trabalhar.

Diante dos relatos apresentados, no tocante à importância econômica da Usina Tanques S/A para o município de Alagoa Grande/PB, enquanto a mesma estava funcionando, todos os entrevistados concordam que a indústria supracitada era o carro chefe da economia local. No entanto, ao serem questionados sobre a atual situação econômica, duas pessoas disseram que, atualmente está melhor.

Com base nessas informações podemos, mesmo que diante de uma pequena amostragem, entender que a antiga Usina Tanques S/A teve grande importância na vida dessas pessoas e contribuiu positivamente, para a economia local, durante o seu funcionamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das bases econômicas do Brasil, a cana-de-açúcar atuava e ainda atua, de modo efetivo, nas transformações históricas, sociais e econômicas do país. Com os estudos feitos percebemos todo esse processo histórico que deixou marcas em nível nacional, estadual e municipal. Nesse contexto, através desta pesquisa, foi possível compreender como ocorreram as transformações dos espaços que, outrora, eram vistos como símbolos de poder e hoje são ambientes comuns a vários indivíduos.

Assim, foi possível verificar a importância da antiga Usina Tanques S/A, enquanto indústria de grande porte, para um pequeno e dependente município, como é o caso de Alagoa Grande/PB. Hoje percebe-se que o espaço canavieiro, antes compreendido pelo território da citada usina, passou por uma transformação e tornou-se assentamento de reforma agrária, deixando de produzir uma única cultura para dar espaço a diversos gêneros alimentícios. Essa nossa informação é evidenciada nas entrevistas com os assentados e nas fotografias de lotes do Assentamento Nova Margarida.

No passado, o local era apenas para o plantio da cana, ou seja, uma monocultura. Atualmente deu-se espaço à agricultura de subsistência, com plantio diversificado de produtos alimentícios (feijão, inhame, macaxeira, fava, milho, banana), além de pesqueiros, pois, por algum tempo os assentados tentaram a criação de peixes nas águas dos açudes que, outrora, serviam para resfriar as máquinas que processavam a cana de açúcar.

Esta pesquisa revelou, através de informações bibliográficas e entrevistas com algumas pessoas ligadas direta e indiretamente à antiga usina, o quanto o comércio de Alagoa Grande/PB se beneficiava do capital gerado, quando a circulação monetária passava de mão em mão aquecendo a economia local.

Atualmente a arrecadação financeira de Alagoa Grande/PB está baseada nas aposentadorias dos idosos, pensionistas, funcionários públicos municipais, estaduais e alguns federais, além do pequeno comércio local, na figura de farmácias, supermercados, padarias, pequenas lojas de produtos diversificados (plásticos, papelarias, produtos de cama, mesa e banho) casas de materiais de construção, dentre outros, e isto ficou evidenciado na fala dos entrevistados.

Buscou-se realizar uma pequena contribuição, porém relevante, a partir de um resgate histórico de uma determinada empresa que teve reconhecida participação na economia e na história de Alagoa Grande/PB. A partir dos posicionamentos colhidos, almejamos contribuir para que ocorram novos interesses e aprofundamentos científicos sobre o tema trabalhado

disposto na presente pesquisa. Salienta-se que a ideia não é limitar, tampouco finalizar, as discussões e reflexões em torno desta temática, visto que essa proposta de estudo propõe novos pensamentos e visões distintas.

Ao final dessas considerações podemos concluir que a antiga Usina Tanques S/A teve grande influência no processo histórico e econômico do município de Alagoa Grande/PB, na época em que funcionava. Por isso, compreendemos que a sua falência teve significativo impacto na economia local, deixando na memória de alguns cidadãos alagoa-grandenses, uma saudosa lembrança.

Com esta pesquisa, também foi possível vislumbrar que parte considerável dos trabalhadores que foram prejudicados com a falência da Usina Tanques S/A, puderam, por meios legais, tomar posse das terras da referida empresa. A criação do Assentamento Nova Margarida contribuiu para que as terras da antiga usina fossem ocupadas e utilizadas por quem, de fato, tinha direito, além de contribuir com a possibilidade de novos meios para a sobrevivência e dignidade daqueles que ali vivem.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, E.B **Engenhos do Recôncavo Baiano**. – Brasília, DF : Iphan / Programa Monumenta, 2009. 140 p.: il. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColRotPat7_EngenhosReconcavoBaiano_m.pdf Acesso em: 26/07/2021.
- CASTRO, J. 1908-1973. **Geografia da Fome: O dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.
- CASTRO, J. **Geografia da Fome: O dilema brasileiro: pão ou aço**. 7ª. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- CAVALCANTI, M.C. **História do Brasil: Ciclo da cana de açúcar**. 2018. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/enem/historia-brasil/ciclo-da-cana-de-acucar> Acesso em: 11/06/2020.
- CPRM - Serviço geológico do Brasil. Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Pilões, estado da Paraíba. Organizado [por] João de Castro, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Franklin de Moraes, Vanildo Almeida Mendes, Jorge Luiz Fortunato de Miranda. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005. 11p + anexos.
- Disponível em: http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/edufu_a_trajetoria_da_cana-de-acucar_no_brasil_2020_ficha_corrigida.pdf. Acesso em 20/05/2021.
- Disponível em: http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/edufu_a_trajetoria_da_cana-de-acucar_no_brasil_2020_ficha_corrigida.pdf Acesso em: 25/05/2021
- Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rp3/article/view/34177> Acesso em: 21/09/2021.
- FREIRE, J.A **Alagoa Grande: sua história de 1625 a 2000**. 1. ed. Revista e aumentada. João Pessoa: A União, 1998.
- FREIRE, J.A. **Alagoa Grande: sua história de 1625 a 2000**. 2. ed. Revista e aumentada. João Pessoa: A União, 2002.
- GANTOS, M.C; QUÉZIA, F.S. **De usinas a usineiros: um ensaio sobre a decadência de uma cultura**. In: Encontro regional de história – o historiador e seu tempo, 18., 2006, Assis. Anais [...]. Assis: Unesp, 2006. p. 1-12. Disponível em: <http://legacy.anpuh.org/sp/downloads/CD%20XVIII/pdf/ST%2021/Marcelo%20Carlos%20Gantos.pdf> Acesso em: 26/07/2021
- GAREIS, M.G.S. Senhores de engenho e inovação tecnológica: **Caso do Nordeste Brasileiro. IBEROAMERICANA**. América Latina - Espanha - Portugal, 2003. 3(11), 21–39 p. Disponível em: <https://doi.org/10.18441/ibam.3.2003.11.21-39> Acesso em: 24/07/2021.
- GERHARDTE, T.E. e SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa/** [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de M939 Graduação Tecnológica– Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GOMES, E.B. **Crédito fundiário como instrumento de apoio à política agrária: o caso do assentamento São João-PB/Emanuelle Brito Gomes**. - João Pessoa: UFPB, 2015. 53 f.; il.

GOSCH, M.S. **A Criação dos Assentamentos Rurais no Brasil e seus Desafios:** algumas Considerações sobre Cerrado Goiano. Marcelo Scolari Gosch. Revista de Pesquisa em Políticas Públicas ISSN: 2317-921X 20. 2020

GUIMARÃES, J.G. **Fragmentos temáticos de Alagoa Grande:** 1960 – 2010. I Parte. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. 132p: il.

IENO NETO, G. Assentamentos rurais e desenvolvimento: em busca do sentido - O projeto Lumiar na Paraíba. 2005. 396 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. João Pessoa, 2005.

LAKATOS E.M. **Metodologia científica.** 6. ed. 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011. 314 p. ISBN 9788522466252.

LIMA E.C. **Dissidência e fragmentação da luta pela terra na “zona da cana” nordestina:** o estudo da questão em Alagoas, Paraíba e Pernambuco. / Edvaldo Carlos de Lima. – Recife: O autor, 2011. 244p.: il;30cm. Orientador: Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2011.

LIMA, S.R.P. **A dinâmica territorial no brejo paraibano:** uma análise do processo no assentamento Nova Margarida –Alagoa Grande- PB. (Monografia de Especialização em Geografia e Território – planejamento urbano, rural e ambiental/CH/UEPB, orient. Luciene Vieira de Arruda). Guarabira/PB, 2020. 48p.

LUNGUINHO, M.L. **Turismo cultural e ecológico em Alagoa Grande:** um estudo sobre impactos, sustentabilidade e preservação. Campina Grande, 2012

MACHADO, F.B.P.,2003. **Brasil, a doce terra** – História do Setor. *ProCana*. Disponível em: [https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Repositorio/historia_da_cana_000fhc62u4b02wyiv80efhb2attuk4ec.pdf], Acesso em: 27/04/2021

MELO, I.E. **As crises do petróleo e seus impactos sobre a inflação do Brasil.** 2008 Disponível em: [http://www.econ.puc-rio.br/uploads/adm/trabalhos/files/Isabela Esterminio de Melo.pdf](http://www.econ.puc-rio.br/uploads/adm/trabalhos/files/Isabela_Esterminio_de_Melo.pdf) Acesso em 21/05/2021

MORAES, M.L. BACCHI, M.R.P. **Etanol do início às fases atuais de produção. Ano XXIII – No 5 4 – Out./Nov./Dez. 2014** Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/121083/1/Etanol-do-inicio-as-fases.pdf>. Acesso em: 21/05/2021

OLIVEIRA, A.U. **A geografia das lutas no campo:** Conflitos e Violência, Movimentos Sociais e Resistência, a “Nova República” e a Reforma Agrária. 6ª.ed. – São Paulo: contexto, 1994.

PITSICA, H.N.P. **Propriedade e Função Social:** Desapropriação por interesse social. Helena Nastassya Paschoal Pitsica. Itajaí-SC. 2016

PONTE, G.D. **De assalariados a assentados** [Dissertação]: as trajetórias dos agricultores familiares do Assentamento São Francisco no município de Pilões-PB/ Graciete Dias Pontes; orientadora, Maria Soledad Etcheverry Orchard. - Florianópolis, SC, 2011. Disponível: <https://repositorio.ufsc.br/https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103368/304289.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 15/05/2020

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. 3ª edição. São Paulo.2005

RODRIGUES, G.S.S.C.; ROSS, J.L.S. 1963 - A trajetória da cana-de-açúcar no Brasil [recurso eletrônico]: **perspectivas geográfica, histórica e ambiental**. Uberlândia : EDUFU, 2020. 272p. :il.

SILVA, E.P. **Desapropriação da propriedade imobiliária rural para fins da reforma agrária**: um estudo de caso de Assentamento Rural no município de Marizópolis-PB. Emanuel Pordeus Silva. Souza-PB. 2010. 61p.

SILVA, G.C. (2013). **A representação sócio-econômica da cana de açúcar para a região da zona da mata de Pernambuco**. Geoambiente On-Line, revista eletrônica do curso de Geografia. Juntaí-GO N°14, 2010. 22 p. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/revgeoamb.v0i14.26005> Acesso em: 22 /07/2021.

SILVA, M.A.O. **Caracterização geográfica e dinâmica da produção agrícola em assentamentos rurais de reforma agrária do brejo paraibano**. Maria Aparecida Oliveira Silva. Guarabira-PB, 2020.